

Acção de Formação

Treino de Crianças



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Acção de Formação Treino de Crianças

Ponto de Partida

Características das Crianças enqua Praticantes:

- Forte capacidade de aprendizagem
- Períodos de atenção e concentração muito curtos
- Necessidade de variabilidade de estímulos e experiências
- Coordenação geral e global como factor crucial
- Grande aptidão para o "jogo" e para a responsabilização



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Acção de Formação Treino de Crianças

Ponto de Partida

O treino de Crianças não deve ser uma miniaturização do treino de adultos.

Deve ser adaptado e estruturado de acordo com as suas características para podermos extrair o máximo de empenho e de desenvolvimento das suas capacidades.



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

Conteúdos

MÓDULO 1 – Treino do Jovem Praticante

MÓDULO 2 – Orientações Didácticas

MÓDULO 3 – Estratégias e Orientações Pedagógicas



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 1 – Treino do Jovem Praticante

Considerações

Jovem Praticante apresenta-se em desenvolvimento com diferentes tipos de necessidade.

Shorinji Kempo é uma actividade Global e deve ser encarado inicialmente como processo, não como produto.



O Objectivo primário da Classe Infantil deve ser a preparação para a integração na classe adulta baseada num processo estruturado.

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

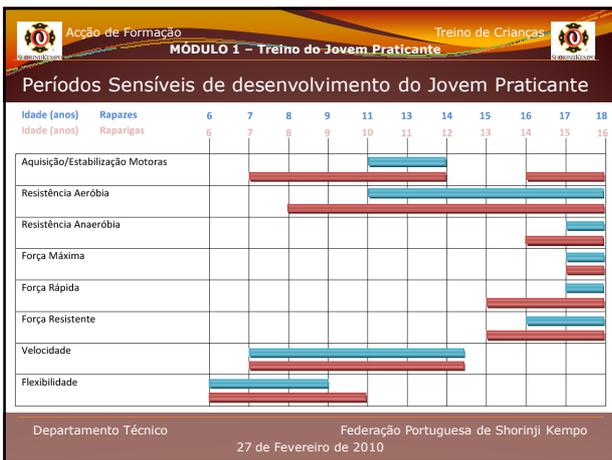
Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 1 – Treino do Jovem Praticante



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010







Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 1 – Treino do Jovem Praticante

Princípios Metodológicos e Pedagógicos do Planeamento Horizontal

- Progressão
- Ciclicidade
- Continuidade
- Multilateral
- Centrado no Jovem Praticante

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 2 – Orientações Didácticas



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 2 – Orientações Didácticas

Planear as aulas por Unidades.

Atribuir nomes "infantis" aos jogos (animais, cores...).

Atender às questões de segurança (materiais perigosos, limites físicos, grupos de trabalho afastados, realização das tarefas de dentro para fora).

Formar grupos/pares homogéneos ou heterogéneos consoante os objectivos.

Ensino das técnicas nas etapas iniciais baseado no modelo biomecânico potenciando-o através de jogos lúdicos.

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 2 – Orientações Didácticas

Promover o combate – condicionado e simplificado (jogos).
Criar situações-problema abertas.
Gerir o tempo da situação atendendo às limitações de atenção e concentração da criança -> Garantir tempo de prática com qualidade.



Vagas de atenção para instrução/intervenção no máximo de 2 minutos.

Períodos de prática entre 3 e 5/7 minutos e/ou 6 a 7 repetições.

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 3 – Estratégias e Orientações Pedagógicas



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças

MÓDULO 3 – Estratégias e Orientações Pedagógicas

Instrução e Intervenção

Motivação projectiva – técnicas novas na aula, momentos de apresentação, jogo final se a classe trabalhar bem.

“Chavões” para descrever a técnica – modelo biomecânico.

Corrigir erros deixando margem para o praticante fazer a sua própria avaliação (sentir e reflectir) do movimento que realizou. Sequência de Fb que normalmente produz melhores resultados: positivo – descritivo – prescritivo ou interrogativo.

Corrigir erros de grupo para a classe e individuais no par (não mostrar erros que não estão a acontecer).

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças
MÓDULO 3 - Estratégias e Orientações Pedagógicas

Instrução e Intervenção

Ao ensinar nova técnica ou novo movimento, dizer primeiro em português e só depois em japonês -> atenção à velocidade de dicção.

Demonstrar Sempre! associando a momentos-chave os chavões.

Elogiar publicamente as boas prestações e pedir para demonstrar.

Criticar o comportamento sem comprometer o praticante (responsabilizar).

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças
MÓDULO 3 - Estratégias e Orientações Pedagógicas

Condução e Gestão da aula

"Moeda de troca" Responsabilização

Escolha do jogo num dos momentos da aula

Recompensa Integrar os praticantes no planeamento/processo

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças
MÓDULO 3 - Estratégias e Orientações Pedagógicas

Condução e Gestão da aula

Na observação procurar identificar os erros primários (se algo está mal no final, o mais provável é que esteja mal no início).

Preparação de Progressões Pedagógicas e Adaptação *in loco* das situações.

Participar nalguns momentos do jogo/brincadeira.

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Accção de Formação Treino de Crianças
MÓDULO 3 – Estratégias e Orientações Pedagógicas

Parte Final

Momentos de apresentação dos trabalhos à classe como forma de Avaliação.

Responsabilização e promoção da autonomia ↔ Suporte Social e Clima de Grupo

Reforço Positivo

Balanco do comportamento e empenhamento da classe durante a aula, reforçando os melhores casos.

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Arigatou Gozaimasu!

Gassho!



Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010

Referências Bibliográficas

Buceta, José (2001). O comportamento do treinador de jovens no treino. *Seminário Internacional de Treino de Jovens: "Melhores treinadores para uma melhor prática"*, Novembro. IDP. Pág. 15-28.

Vesquita, Isabel (2004). Ensinar a aprender: Tarefa prioritária do treinador de jovens. *Seminário Internacional de Treino de Jovens: "Num desporto com valores, preparado para o futuro"*, Novembro. IDP. Pág. 35-49.

Valdivielso, Fernando (2004). Características e importância das etapas de formação na carreira do atleta. *Seminário Internacional de Treino de Jovens: "Num desporto com valores, preparado para o futuro"*, Novembro. IDP. Pág. 65-77.

Raposo, António (2006). A Formação Desportiva: Um processo a longo prazo. *Revista Horizonte*, Vol. XXI, Nº 122, Março-Abril. Dossier - Parte 1.

Raposo, António (2006). A Formação Desportiva: Um processo a longo prazo. *Revista Horizonte*, Vol. XXI, Nº 123, Maio-Junho. Dossier - Parte 2.

Vesquita, Isabel. *Pedagogia do Treino*. Livros Horizonte Edições, Coleção Cultura Física.

Olimpio, Coelho. *Pedagogia do Desporto*. Livros Horizonte Edições, Coleção Cultura Física.

Adelino, Jorge; Vieira, Jorge; Coelho, Olimpio. *Treino de Jovens, o que todos precisam de saber*. IDP.

NSKO (2004) – Childrens' Curriculum.

Departamento Técnico Federação Portuguesa de Shorinji Kempo
27 de Fevereiro de 2010
